

De novo, entre este terceiro número da *Anthropocenica* e o anterior, um ano se passou no qual a História se agitou. A pandemia, oficialmente ainda não terminada, deixou feridas que tardam a cicatrizar. As alterações climáticas agravaram o seu impacto um pouco por toda a Terra. A guerra na Ucrânia, inconcebível até há meses, trouxe à memória tempos não muito distantes de sofrimento, dor e morte na Europa. Por consequência, surgiu uma grave crise energética; não por escassez de combustíveis, de gás ou de eletricidade, mas porque as famílias e as empresas europeias não dispõem de rendimentos para adquiri-los, cujos efeitos eventualmente mais dramáticos se farão sentir no Inverno a chegar. Por consequência, também, uma inflação desaparecida há umas quatro décadas, faz galopar a economia mundial em direção a uma recessão que parecia impensável. Por consequência, ainda, regressou às nossas consciências a possibilidade de um Holocausto e de um Inverno nucleares, com o relógio do Juízo Final a adiantar-se de novo. Incrivelmente, tudo isso se passou em apenas um ano, provocando-nos sentimentos mistos: consternação e dever de resistir, revolta e ânsia de paz, desalento e vontade de reagir, pessimismo e esperança.

É com esse pano de fundo que tentamos aqui dar continuidade ao propósito expresso nos volumes anteriores da revista de trazer à atenção da comunidade científica académica contributos relevantes para pensar, parafraseando Karl Jaspers, a situação geocivilizacional do nosso tempo.

A organização deste número contempla quatro secções. A primeira integra dois contributos especiais.

Um do Professor Augustin Berque que, à luz da sua original perspectiva mesológica, procura mostrar como é possível que a exigível ou inevitável transição ecológica global se faça democraticamente, sobretudo por intermédio do «reterrestrializar» do ser humano.

Outro do Professor José Eli da Veiga que examina criticamente os motivos da rejeição da ideia do Antropoceno nos domínios da Ecologia Política e das Humanidades em geral, contrastante com a ampla e consensual adesão à mesma pelas comunidades epistémicas da Ciência do Sistema Terrestre e da Ciência da Sustentabilidade.

Deixamos aqui manifesto a ambos um sincero enorme agradecimento pela generosa oferta dos seus valiosos textos.

Na seguinte secção inserem-se cinco artigos.

O inaugural, “Greening the Anthropocene”, de Orfeu Bertolami, no qual o autor reivindica que se queremos enfrentar efetivamente a crise climática em curso, temos de provocar mudanças estruturais nas nossas sociedades, nomeadamente no sistema de economia de mercado existente, por forma a combater as desigualdades e as assimetrias entre os países.

Segue-se “Antropoceno: um polissema a ser feito”, por João Ribeiro Mendes, que apresenta uma reconstrução da carreira histórica da noção de “Antropoceno” desde a sua aparição em 2000 até ao momento atual, e procura mostrar como é que ela se foi tornando num conceito-síntese e num conceito-alerta, cuja influência no pensamento planetário do século XXI é cada vez mais notória.

No terceiro, “Anthropocene, Technocene and the Problem of Philosophy of Education”, de Eva Dědečková e Simon J. Charlesworth, procuram os seus autores argumentar que perante a aparente incapacidade do conhecimento científico disponível, revelador da perturbante situação antropocénica que enfrentamos, constituir razão suficiente para encetar a transformação da sociedade global, é preciso tentar atuar ao nível mais fundamental de uma alteração do paradigma educativo dominante para intentar essa finalidade.

“O pranto de Gaia nas canções ecológicas de Roberto e Erasmo Carlos” é o quarto artigo, autorado por Sueli Meira Liebig. Nele são revisitadas canções dos cantores e compositores brasileiros Roberto e Erasmo Carlos em que a preocupação com a má preservação do meio ambiente motivada pelo comportamento destrutivo dos seres humanos perante a Natureza é patente e se argumenta, pelo prisma da Ecologia Profunda, como esses músicos foram pioneiros, no contexto brasileiro, na contestação social contra os impactos antropogénicos negativos na Terra.

O derradeiro, “AntropoSines: Petrocultura, violência lenta e pensamento ecológico em Al Berto”, de Fernando Beleza, constitui, à semelhança da anterior, outra peça de ecocrítica. Procura nele o autor explorar as dimensões ambientalistas e ecológicas da produção de Al Berto, centrando-se no que denomina de ficções *petroqueer* e na relação do poeta com a violência ambiental e as transformações sociais trazidas pela construção do complexo industrial de Sines,

Duas recensões compõem a terceira secção: a de Eva Dědečková sobre a obra editada por Leslie Sklair *The Anthropocene in Global Media: Neutralizing the Risk*, e a de Fernando José António sobre o ensaio de Bruno Latour *Où suis-je? Leçons du confinement à l'usage des terrestres*.

Na última secção encontra-se a tradução do artigo “Welcome to the Pyrocene. A fire creature remakes a fire planet” de Stephen Pyne, realizada por João Ribeiro Mendes.

Esperamos, uma vez mais, ter conseguido neste novo número alcançar a elevada qualidade a que desde o número inicial nos comprometemos e que o

mesmo encontre bom acolhimento na comunidade científica e académica na e para a qual trabalhamos, em especial junto dos que investigam nas áreas dos Estudos do Antropoceno e da Ecocrítica. Renovamos igualmente o convite para que nos enviem os vossos melhores trabalhos para publicação.

Gostaríamos de agradecer aos revisores pelo tempo e esforço que dedicaram à revisão dos compuscritos. Todos os seus valiosos comentários e sugestões contribuíram decisivamente para a melhoria da qualidade de cada artigo e recensão publicados. Sem eles seria impossível manter os elevados padrões de exigência científica de uma publicação, como esta, com revisão por pares em regime de duplo anonimato.

Uma última palavra para um reconhecido agradecimento à Fundação Engenheiro António de Almeida, na pessoa do seu Presidente, Dr. Augusto Aguiar-Branco, pelo apoio financeiro concedido para a publicação impressa deste número da revista.

Os editores
João Ribeiro Mendes & Maria do Carmo Mendes